



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1217

## TÁCITO E PLUTARCO: A VIDA DE OTÃO

Adrielle Andrade Ceola

LEAM-PPH/UEM

Profª Drª Renata Lopes Biazotto Venturini

LEAM-DHI-PPH/UEM

**Resumo:** Ao lançarmos nosso olhar para a narrativa histórica e para a biografia, somos levados a identificar muitas diferenças entre os dois estilos, ou até mesmo considerar a biografia como um modelo inferior quando comparado ao outro. No entanto, o presente trabalho tem como propósito identificar semelhanças entre os dois modelos literários com base nas *Histórias* de Públio Cornélio Tácito e a *Vida de Otão* de Plutarco, principalmente em questões de conteúdo e construção textual, visto que os dois ensaios buscam relatar e dar ênfase as ocorrências políticas e militares, mais do que a vida do imperador sujeito. Essa proximidade de temática, de certa forma não é usual entre os estilos, principalmente quando relacionamos os dois autores. Considerado historiador por excelência, Tácito nascido provavelmente no ano de 56 d. C. e viveu até 120 d. C., *homo novus*, proveniente de uma rica família romanizada da província da Gália, exerceu diversos cargos nas magistraturas romanas. Plutarco que viveu provavelmente entre os anos de 45 d. C. até 120 d. C., também *homo novus*, originário de rica família local de Queroneia (Beócia), ao contrário do historiador latino se reconhece como biógrafo. Suas composições dizem respeito às vidas e não a histórias, pois prioriza a descrição das ações que evidenciam os vícios ou as virtudes, deixando os fatos célebres aos renomados historiadores políticos.

**Palavras-chave:** Narrativa Histórica; Biografia; Principado.

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

### Introdução

Antes de nos focarmos efetivamente às semelhanças entres os dois pensadores, é de suma relevância compreender o contexto em que viviam, anos estes que abrangem parte do século I d. C. e o início do século II d. C., mas com antecedentes no período da República. Assim, etimologicamente *Res Publica* significa tudo aquilo que é público, compreendendo um leque de designações como Estado, instituições e interesse comum, tradicionalmente não designava de fato um modelo político, pois os romanos não nomeavam seus arquétipos de governo, porém sua organização era pautada no desejo do “povo”. Conforme Mendes (2006) apresenta, originalmente as leis que regiam sobre a República eram criadas pela população, mas esses indivíduos eram submetidos aos magistrados, que deviam agir pelo interesse comum.

Roma iniciou sua expansão imperial ainda na República, fato que pode ter sido causa de aumento do poder dos militares e “decadência da *mores*”<sup>1</sup>, assim o Senado, corpo até então dominante começa a perder seu controle e deixar de tomar algumas decisões levando aos conflitos do final da República. Essa crise de poder resultou a primeira guerra civil onde as tropas romanas se enfrentaram, sucessivamente mesmo com a trégua desses conflitos, os problemas não tinham acabado, o que resultou em mais guerras civis e militares notáveis se aproveitando da ocasião para tomar o poder para si, como foi o caso de Sula e Júlio César.

Esses conflitos civis foram responsáveis pelo empobrecimento do povo e ainda enfraqueceu as instituições republicanas e não estabeleceu a paz, visto que os homens empobrecidos se alistavam aos exércitos submetendo-se aos generais e ainda ocorria revoltas por toda extensão territorial, essas só extinguiram-se no período imperial. A paz foi restaurada com a proclamação do filho adotivo de César, Otávio, como *princeps*<sup>2</sup>. Isso só foi possível, pois as bases da Monarquia Imperial já tinham sido lançadas anteriormente com o próprio César.

Otávio a principio não era visto como adequado para o cargo, Mendes (2006) afirma que Marco Antônio – cônsul, e Emílio Lépido – chefe da cavalaria,

---

<sup>1</sup> Corrupção da política, religião, família, moralidade pública e privada (MENDES, 2006, p.23)

<sup>2</sup> Título não oficial possuidor de uma carga de lisonja para quem o recebesse, cujo significado se aproxima a “condutor”, ou o primeiro entre os cidadãos, mas diferente de *princeps senatus*, que já existia antes do Império e se referia ao primeiro dentro do senado. (HARVEY, 1998, p. 415)

eram tidos como superiores. Porém, por estratégia de Otavio os demais foram vistos como traidores de Roma e ele visto como o restaurador da *Libertas*. O futuro imperador, após sua vitória foi cauteloso em suas ações, já que César havido tido um fim trágico por se auto proclamar governante, assim seu governo manteve a aparência da *libertas* republicana, ou seja, manteve as instituições republicanas ao mesmo tempo em que detinha quase todo o poder (CORASSIN, 2001, p.63)

Esse poder do Imperador era quase ilimitado, por mais que ele mantivesse as aparências republicanas, concentrava para si cada vez mais autoridade, que antes ficavam nas mãos de diversos magistrados, assim a figura do governante detinha a *tribunicia potestas*<sup>3</sup>, *pontificatus maximus*<sup>4</sup> e o *imperium majus*<sup>5</sup>, a personalidade do Imperador passou a ser responsável também pela inclusão ou exclusão dos homens na ordem senatorial ou dos cavaleiros e deveria zelar pela *mores*. Todavia, vale mencionar que o Senado se manteve, de maneira renovada, com menos membros e com menos poderes.

Nesse sentido, devido a todos os acontecimentos decorrentes do período republicano, com corrupção, empobrecimento, violência, o Principado se tornou um modelo gerador da paz e segurança, pois a República não atendia mais a demanda do Império que havia se formado e o novo modelo, principalmente nos seus anos iniciais foram os mais prósperos e brandos de Roma, considerada como o período de florescimento econômico, político, cultural entre outros. Alföldy (1989) afirma, em relação à República, o Império sofreu poucas alterações, mas essas mudanças foram cruciais, sendo elas a implantação da Monarquia Imperial e a integração das províncias e seus habitantes no Estado e na ordem social dos romanos, ou seja, os provincianos conseguiram o status de “romanos”.

A aceitação dos provincianos como cidadãos romanos, abriu espaço político para os *homo novus*, assim como proporcionou a integração entre a aristocracia de Roma com as locais, como identificaremos com Tácito e Plutarco. Mas, a relação de Roma com outros povos é muito anterior ao Império, já que

---

<sup>3</sup> Controle da iniciativa legislativa e o amparo dispensado ao povo romano (MENDES, 2006, p. 27)

<sup>4</sup> Pontífice maior entre os romanos, mediador entre os deuses e os homens. (MENDES, 2006, p. 27)

<sup>5</sup> Poder duplo, consular e proconsular, o que lhe dava o direito de intervir em Roma, na Itália e em todas as províncias, assim como dava-lhe também o comando dos exércitos. (CORASSIN, 2001, p. 64)

desde o século III a. C. após as Guerras Púnicas os romanos iniciaram um compartilhamento e costumes com os povos conquistados, como Ziegler (2009) afirma, os romanos assimilaram e adaptaram dos povos aquilo que fossem de seus interesses.

Giardina (1992) relata que nem os próprios romanos sabiam distinguir o que era de fato um elemento tipicamente de Roma, utilizar o adjetivo “romano” torna-se então um dizer muito genérico. Destarte, os aristocratas romanos a fim de se diferenciarem tentavam ser *humanitas*, palavra essa com sentido muito vago, podendo representar os homens não bárbaros. Esse termo tem como correspondente na Paidéia grega o conceito de *philantropia*, que é ser homem justo, conhecedor das belas artes e refinado, ou seja, civilizado, portanto a *humanitas* é mais um mérito do que uma característica universal. Diante disso, os romanos faziam questão de serem civilizados e de se diferenciarem dos demais homens, os provincianos, por vezes tentavam ser “mais romanos” do que os próprios romanos.

Tácito e Plutarco se enquadram na categoria de *homo novus*, que desejavam ser *humanitas*, e um aspecto interessante que soma a eles, é sua preocupação com a situação imperial. Tanto um quanto outro viveram por volta do século I e II d. C., e presenciaram uma das falhas desse sistema imperial, que era a sucessão do cargo, este que não era hereditário, mas devia ser ocupado pelo homem mais bem preparado, como no caso de Tajano considerado um *optimus princeps*, e por isso os dois eram desejosos que seus escritos fossem úteis para seu governo. Todavia, nem sempre foi o “melhor homem” que ocupou a posição de Imperador, tendo vários exemplos de tiranos, como as fontes mencionam. Um desses tiranos pode ser exemplificado por Nero, este morreu ainda jovem sem deixar um sucessor para o cargo, o que ocasionou as guerras civis da anarquia civil e militar dos anos de 68 e 69 d. C., um pequeno espaço de tempo, o qual quatro imperadores foram aclamados: Galba, Otão – que será mais bem estudado, Vitélio e por fim Vespasiano, que ficou mais tempo no cargo.

### **Tácito Historiador**

A respeito de *L. Publius Cornelius Tacitus* pouco se sabe, por isso até mesmo seu prenome é indefinido, sendo remetido ora por Públio ora por Gaio.

Elas são oriundas do pouco que fala sobre si em suas obras, das epístolas de Plínio o jovem<sup>6</sup>, ou de algumas inscrições incertas encontradas na antiga província da Ásia, onde foi governador.

Acredita-se que tenha nascido na província da Gália, aproximadamente no ano de 55 d. C., ainda no governo de Nero, e provavelmente tenha morrido no ano de 120 d. C., sob o governo de Adriano. Tácito compunha a aristocracia provinciana do Império, mas sua educação possivelmente se realizou em Roma, pertencente a uma família da ordem eqüestre, iniciou sua carreira ainda jovem, como tribuno militar e advogado, se destacando por sua eloqüência, os estudos apontam que foi discípulo do Quintiliano<sup>7</sup>. Paratore (1983) menciona que ele começou a avançar nas magistraturas devido à influência de seu sogro Cn. Julio Agrícola, distinto homem político de seu tempo.

Com isso, supõe-se que no ano de 79 d. C. pouco antes da morte de Vespasiano, Tácito tenha chegado a questura, exercendo tal cargo durante o governo de Tito, e no ano de 88 d. C., no reinado de Domiciano, teria alcançado a pretura. No ano de 89 d. C. foi designado a exercer funções fora de Roma, nas províncias norte-ocidentais, possivelmente na Germânia. Já no ano de 97 d. C., entre o principado de Nerva e Trajano, assumiu o consulado e proconsulado e no ano de 112 d. C. atingiu o posto de governador da Província da Ásia. Por conseguinte, podemos ainda mencionar que além de homem público, Tácito teria escrito diversas obras, variando nos estilos, mas com assuntos sempre preocupados no que poderia ameaçar Roma. Assim, as que atualmente recebem sua autoria são principalmente: *Diálogo de Oradores*, *Germânia*, *Vida de Júlio Agrícola*, *Histórias* e *Anais*.

Tácito é reconhecido como um historiador por excelência, e até mesmo dentro de suas obras ele afirma compor tal categoria. Isso deve ao fato de que ele seguia o modelo de história predominante no período: a prosa herodotiana-

---

<sup>6</sup> *Gaius Plinius Caecilius Secundus*, (61 d. C. – 114 d. C.) nascido em Como, sobrinho e herdeiro de Plínio, o velho, estudou em Roma sendo discípulo de Quintiliano e condiscípulo de Tácito. Exerceu cargos políticos de grande importância, sendo até mesmo governador da Bitínia, provável local de sua morte, assim como o local bem referenciado em suas cartas – que reunidas, compõem nove livros, sendo essas de assuntos diversos e dirigidas a muitos notáveis, inclusive para Tácito e Suetônio, mais o Panegírico endereçado a Trajano. (HARVEY, 1998, p. 402-404)

<sup>7</sup> *Marcus Fabius Quintilianus* (35 a.C. – 95 d. C.) proveniente da região da Espanha recebeu grande parte de sua educação em Roma, voltada para a oratória. Devido sua fama na arte de falar bem, foi o primeiro professor a receber salário oficial como professor, e teve vários discípulos influentes, como exemplo, Plínio, o jovem. (HARVEY, 1998, p. 426)

tucidiana, pois os antigos romanos tinham consciência de sua herança da tradição grega e escreviam pautados segundo esse modelo, que tinha por base dar prioridade em temáticas políticas, militar e secundariamente a etnografia.

Joly (2004) coloca que na antiguidade a história era um gênero discursivo, logo era tratada como retórica. Por sua vez, Tácito seguia essa premissa e suas *Histórias* podem conter um tom épico, bem como proporcionar prazer em que o escutasse ou lesse. Essa busca pelo deleite de seus espectadores não limita suas obras a simples estética, pois continha uma pesquisa em busca de informações e eram tidas como pertinentes.

A obra selecionada para o presente texto trata-se de uma narrativa histórica, que traz em si o relato dos fatos políticos e militares desde o período da anarquia, por volta do ano 68 d. C. até a ascensão de Nerva. Com isso, podemos dizer que Tácito seleciona a temática do Principado, defendendo condutas individuais, pois sabia que a República não retornaria. Em suas palavras conseguimos identificar uma atmosfera moralista, fato explicado que apesar de historiador, ele era um homem político.

Originalmente as *Histórias* foram compostas em doze volumes, mas chegaram até a atualidade quatro livros completos e parte do quinto. Dentro desse ensaio, buscaremos nos focar no livro I e II que contém a narração acerca do governo de Otão, imperador responsável pelo assassinato do imperador Galba, porém permaneceu no posto cerca de três meses, visto que governou concomitantemente com Vitélio de maneira involuntária e por esse motivo enfrentou alguns conflitos civis.

### **Plutarco Biógrafo**

Acerca de Plutarco, há também carência de informações, mas são mais expressivas quando comparadas as de Tácito e nem sempre está relacionada unicamente a sua vida política. Nasceu na cidade de Queroneia, no interior da Beócia, na província de Acaia, local que freqüentemente demonstra sentimento de pertença, visto que a região pertence a antiga Grécia. Seu nascimento é datado por volta de 45 d. C., em uma rica família local, e sua morte é aceita por volta de aproximadamente 120 d. C.

Plutarco descreve em seus escritos que foi discípulo de um filósofo egípcio e comandante hoplita chamado Amônio. Assim como Tácito, também foi homem político exercendo diversas funções em sua região, como o cargo de embaixador da Acaia, superintendente e chefe da guarda edilícia, em sua cidade natal, foi beotarca, arconte na Queroneia, sacerdote permanente em Delfos, agnoteta dos jogos pítios e membro do conselho dos anfitriões, mas não exerceu um *cursus honorum* tão tradicional da aristocracia como o historiador. Por intermédio de Sócio Senecião, conhece Trajano e ganha o direito de transitar por Roma, assim como ministrar palestras e lições de filosofia para os romanos politicamente mais influentes, como Lúcio Méstrio Floro, o qual interferiu para que Plutarco conseguisse a cidadania romana. O autor beócio não cita o recebimento da cidadania romana, mas adotou o nome latino de *Lucius Mestrius Plutarchus*, fato que levou os estudos a deduzirem seu recebimento. Há indícios que o pensador queronense retornou para Delfos entre os anos de 95 e 100 d. C., pois se retirou das práticas políticas e parou de ministrar palestras e lições pelo Império Romano.

Das palestras proferidas por Plutarco, resultou grande parte de suas obras, visto que o catálogo de Lâmprias registra cerca de duzentos e vinte e sete títulos a sua autoria, porém, cento e trinta destes foram perdidos. Essas obras catalogadas possuem dos mais variados assuntos, e são divididas em duas categorias: as *Moralia* e as *Vidas Paralelas*. A obra que selecionamos para nosso estudo trata-se de uma biografia, embora pertencente as a *Vidas Paralelas*, constitui-se de uma história de vida isolada, ou seja, sem comparação e ainda relata um imperador, sendo que as outras biografias se voltam para homens políticos importantes sempre comparando uma figura grega e outra romana, mas de um passado mais longínquo, do período da República ou mais anterior.

Plutarco se reconhece e se coloca como um biógrafo, e esse fato ele deixa muito claro na introdução da Vida de Alexandre, pois ele afirma deixar para outros a tarefa da escrita dos eventos célebres, e seu foco são pequenas ações que demonstram os vícios ou as virtudes. Com base nesse dado é possível identificar que o biógrafo tinha conhecimento do que se tratava a história e como realizá-la, mas havia escolhido escrever biografias, podemos julgar seu amplo conhecimento sobre o gênero historiográfico em várias de suas obras, onde expressa a erudição a respeito do gênero literário. Leão e Fialho (2008) na

introdução da *Vida de Teseu* dizem que Plutarco ao compor suas biografias fazia um trabalho quase historiográfico, pois por escolher ícones exemplares políticos, o autor devia tomar o cuidado para não cair numa descrição épica, fazendo um trabalho de historiador.

Portanto, Plutarco ao escrever as vidas não estava preocupado unicamente em dar um bom exemplo, para fins pedagógicos, mas buscava fontes e se preocupava com a verdade e com o papel do governante de seu contexto, assim como a narrativa histórica. O ideal de bons políticos é visível em Plutarco, a começar pelos escolhidos de suas narrações.

### **Vida de Otão e a semelhança entre o historiador e o biógrafo**

Tanto a história quanto a biografia surgiram ao mesmo tempo na Grécia antiga, mas os historiadores categorizavam as biografias como algo a parte e diferente do gênero historiográfico, pois as biografias não se preocupavam com a veracidade e confiabilidade das informações sendo considerada a-histórica, enquanto que a história implicava numa pesquisa dos acontecimentos passados, baseados na análise de evidências (LUZ, 2013, p.21).

Devido a essa característica moralizante de narração das vidas, o juízo de valor facilmente identificável e a aparente despreocupação com as instituições políticas e militares, as biografias foram limitadas ao campo filosófico e pedagógico, pois com o objetivo de “retratar a alma”, foram categorizadas como modelos para conduta pessoal. Durante algum tempo na história, elas foram esquecidas como documentos, mas quando olhamos para Plutarco e percebemos que suas escolhas eram pautadas em homens políticos importantes, não temos como excluir totalmente uma preocupação com a política de seu tempo, e relegar os relatos das vidas com fins meramente pedagógicos.

Assim como a história, a biografia de Plutarco não ignorava sua sociedade e o biógrafo se preocupava com sua política e em suas obras mais conhecidas esse aspecto é subproduto, mas quando olhamos para a *Vida de Otão* identificamos uma preocupação com a política e questões bélicas muito mais intensas, constituindo uma narrativa muito semelhante da história de Tácito, fugindo a regra das biografias tradicionais. Com essa biografia, que já se diferencia das demais por ser a vida de um imperador e sem comparação, ele



ainda inicia narrando a partir do momento que Galba morre e Otão é aclamado imperador pelos pretorianos, de modo muito semelhante ao autor das *Histórias*.

O historiador latino faz uma narrativa contínua da morte de Galba e ascensão de Otão ao poder, já Plutarco por mais que escreva praticamente uma narrativa continuada, divide sua obra em duas vidas, mas as informações dos acontecimentos entre o historiador e o biógrafo são praticamente as mesmas. Ambos dão início ao relato sobre Otão identificando que fora companheiro dos folguedos Nero, mas por intrigas com o antigo imperador é exilado de Roma, e quando Galba sobe ao poder, torna-se partidário dele e visava ser nomeado seu sucessor, pois Galba já estava em idade avançada. O imperador idoso adotou Pisão, ao invés de Otão, medida que provocou descontentamento no antigo amigo de Nero, que planejou uma conspiração juntamente com os pretorianos contra o atual imperador, prometendo aos soldados donativos, visto que Galba era parcimonioso.

Já no final do governo de Galba, Vitélio inicia uma guerra civil na Germânia, e após a morte desse imperador, seus soldados não reconhecem Otão como o novo *princeps* aclamando-o como seu Imperador, assim o Império teve seu poder dividido, pois as províncias ocidentais reconheceram Vitélio como o novo governante e em Roma Otão foi reconhecido, e havia ainda as províncias orientais que manifestaram seu apoio a Otão, mas desejosos a aclamar Vespasiano. Contudo, Otão e Vitélio travaram uma dura guerra civil, o qual Vitélio saiu vitorioso, e Otão decide desistir de resistir a força de Germânico<sup>8</sup>.

Por meio de todos esses relatos, ambos os pensadores deixam transparecer que Otão mesmo subindo ao poder logo perde o apoio da população em geral, mantendo o contentamento somente dos seus soldados, pois foi visto como cruel ao ser responsável por uma morte tão violenta contra um imperador já com idade avançada, com aproximadamente setenta anos. Tácito expõe uma visão extremamente negativa acerca de Otão por quase toda sua obra, mal é possível identificar qualquer simpatia, sendo mais rígido em suas narrações, para o fim da vida do imperador ele aborda um discurso mais benevolente de Otão, até mesmo transcrevendo suas palavras, como podemos identificar no seguinte excerto

---

<sup>8</sup> Nome adotado por Vitélio, no lugar de César.

O próprio Otão se opôs a continuar com o plano da guerra. “Para expor esses homens corajosos e valentes como você para o perigo”, ele disse, “Eu cálculo um preço muito alto para minha vida. Quanto maior a esperança que você me oferecer, se fosse meu desejo viver, tanto mais gloriosa será minha morte. A fortuna e eu nos conhecemos muito bem. Não considero meu comando de curta duração; tudo é mais difícil quando não se espera apreciar muito. Vitélio começou a guerra civil; foi ele quem iniciou a competição armada entre nós pelo poder imperial; mas, nós não sustentamos uma vez mais, pois é meu poder que constitui um precedente para isso. Eu poderia ter, portanto, a posteridade julgando Otão. Vitélio deve apreciar seu irmão, sua esposa e seus filhos; Eu não exijo vingança nem consolo. Outros podem manter o poder mais do que eu, mas nenhum poderá desistir mais bravamente. Poderia eu permitir o sofrimento de muitos jovens de Roma ou tantos nobres exércitos serem derrotados e perder para o Estado? Deixe-me levar comigo o pensamento de sua disposição para morrer por mim, mas devem viver. Agora não pode haver mais atraso, deixe-me não interferir em sua segurança ou você em minha determinação. Falar demoradamente sobre o fim é covardia. A respeito da principal prova da minha decisão é o fato de não me queixar a nenhum homem. Pois quando se acusa os deuses ou os homens, é porque se deseja viver. (*Tac. Hist. Livro II: XLVII*)

Já Plutarco descreve de maneira mais amena a respeito de Otão. Não tenta denegrir sua imagem, mesmo tendo sido partidário de Nero, ele aponta um homem digno de homenagens, embora não esqueça seu lado negativo, assim sua visão e palavras se aproximam muito das do historiador latino. No fim de sua vida ele também transcreve um discurso atribuído a Otão de maneira muito similar a de Tácito

“Esse dia, meus companheiros de arma, eu julgo mais abençoado do que aquele que me fizeram imperador, desde que eu vi vocês tão devotados e me julgando digno de tão grande honra em suas mãos. Contudo, não me roube tamanha bem-aventurança – de que morrer nobremente em nome de tantos e bons concidadãos. Se era digno de ser imperador romano, eu deveria dar minha vida

livremente a minha pátria. Eu sei que a vitória dos nossos adversários não é nem decisiva nem assegurada. Eu tenho conhecimento de que nossas forças vindas de Mísia já estão se aproximando do Adriático, e somente alguns dias de distância de nós. Ásia, Síria, Egito, e os exércitos que lutam contra os judeus, estão do nosso lado; o Senado, também está com a gente, assim como as esposas e filhos dos nossos adversários. Ainda assim, não é para defender a Itália contra romanos, e pecamos contra o nosso país se nós conquistamos ou fomos conquistados. Para o vencedor pode ser de tão grande vantagem, mas para os romanos ofereço a minha vida para assegurar a paz e concórdia, e para evitar que a Itália contemple tal dia novamente”. (*Plut. Vida de Otão: XV*)

Nesses dois trechos selecionados, podemos demarcar as similaridades na questão da fidelidade dos exércitos para com o imperador, o discurso de que morrer seria a melhor saída para Roma, que lutar contra Vitélio seria uma perda muito grande e desnecessária. Dessa forma, mesmo os dois pensadores sendo de formação e vidas tão distintas, é possível encontrar aproximação na mesma fonte de informação de ambos, bem como um consenso acerca da figura do imperador e ainda uma preocupação com a política atual deles. Embora tenhamos escolhido somente um trecho das fontes para ilustrar as semelhanças, essas estão presentes em toda narrativa e é muito claro na leitura de ambos.

Em suma, com esse breve trabalho é possível começarmos a identificar grandes semelhanças entre a narrativa histórica e biográfica, assim como nenhuma delas estava desconexa de seu contexto, bem como tinham um pano de fundo político e militar, com fins de serem úteis para o imperador em exercício.

## **Bibliografia**

*Fontes Impressas:*

PLUTARCH. *Parallel Lives, vol. XI*. Translate and Notes by Bernadotte Perrin. Cambridge/ Massachusetts/London: Harvard University press, s/d.

TACITUS, P. Cornelius. *Histories, vol. II*. Introduction, Translate and notes by Clifford H. Moore. Cambridge/ Massachusetts/ London: Harvard University press, s/d.

*Bibliografia Básica:*

ALFOLDY, Géza. *A História Social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989.

CORASSIN, Maria Luiza. *Sociedade e Política na Roma Antiga*. São Paulo: Atual, 2001.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998.

JOLY, Fábio Duarte. *Tácito e a Metáfora da Escravidão*. São Paulo: Edusp, 2004.

LUZ, Camila Santiago. *As Vestes de Catão, o jovem: Plutarco e o ideal de homem político*. Dissertação 76 f. (Mestrado em História). Universidade Estadual de Maringá, 2013.

MENDES, Norma Musco. O Sistema Político do Principado. In: DA SILVA, Gilvan Ventura (org.). *Repensando o Império Romano: Perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Vitória: EDUFES, 2006. Páginas: 21 – 48.

MOMIGLIANO, Arnaldo. História e Biografia. In: FINLEY, Mosés (org.). *O legado da Grécia: uma nova avaliação*. Brasília: Editora da UnB, 1998. Pág. 181 – 210.

MOMIGLIANO, Arnaldo. Tácito e Tradição Taciteana. In: \_\_\_\_\_. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. São Paulo: Editora da Universidade Sagrado Coração, 2004. Pág. 157 – 185.

PARATORE, Ettore. Tácito. In: \_\_\_\_\_. *História da Literatura Latina*. Lisboa: Fundação Caloute Gulbenkian, 1983. Páginas: 721 – 745.

PLUTARCO. *Vidas paralelas: Teseu e Rômulo*. Tradução, introdução e notas de Delfim Leão e Maria do Céu Fialho. Coimbra: Coimbra University press, 2008.

VEYNE, Paul. *Humanitas: Romanos e Não Romanos*. In: GIARDIANA, Andrea (org.). *O Homem Romano*. Lisboa: Presença, 1992. Páginas: 281 – 302.

ZIEGLER, Vanessa. *Plutarco e a formação do governante ideal no principado romano: uma análise da biografia de Alexandre*. Dissertação 154 f. (Mestrado em História). Assis: Universidade Estadual Paulista, 2009.